

IBUKUN TI AWON AGBA: O ENLACE DA JUVENTUDE COM A PEDAGOGIA GRIÔ

ANA LISE COSTA DE OLIVEIRA SANTOS¹

RESUMO

Nesta comunicação oral valorizamos a educação étnico-racial numa escola pública de ensino médio, na zona rural de Riachão do Jacuípe, estado da Bahia. Objetivamos fomentar uma ação antirracista decolonizadora centrada na pedagogia griô. De uma pesquisa-ação fruto do projeto interdisciplinar Batuques de Ancestralidade, nasceu este estudo, cujos resultados evidenciaram que as práticas pedagógicas realizaram um encontro ancestral entre a juventude e os griôs mais velhos da comunidade no entorno da escola. Esse enlace griô foi reconhecido por meio de ancestralidade e reverência e, ao mesmo tempo (re)afirmação da identidade negra juvenil. Logo, a escola tem assumindo um papel central no cultivo pedagógico das raízes da cultura sertaneja local.

Palavras-chave: Educação étnico-racial. Juventude e Ensino Médio. Pedagogia griô.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo inicia-se com a saudação iorubana *ibukun ti awon agba*, que significa benção dos mais velhos. É sob a benção dos nossos griôs mais velhos que seremos guiados na leitura e reflexões deste texto. Antes, peço licença e a benção de minha avó paterna Ana Maria, rezadeira ainda em atividade aos 98 anos, que se pudesse escrever aqui me diria: - Deus te crie pro bem, com sabedoria e graça! E ela certamente escreve comigo, porque ninguém anda sozinho nesse mundo, estamos cada um com uma proteção, foi um ensinamento que aprendi com esta minha griô. Oxalá todxs sejam também abençoados pelas guianças de seus mais velhos, seus ancestrais, assim com foram os envolvidos nesta pesquisa.

O presente texto discute a temática da educação das relações étnico-raciais sob a ótica da juventude numa escola pública de ensino médio, no povoado de Chapada, em Riachão do Jacuípe, na Bahia. O desejo pela pesquisa partiu de uma problemática que contextualizou a dificuldade da escola, dos docentes e da coordenadora pedagógica de contribuir para a efetivação da

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Psicopedagogia pela FACINTER- IBPEX. Especialista em Coordenação Pedagógica (UFBA). Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe (FARJ). Coordenadora pedagógica do Colégio Estadual Professor Dídimo Mascarenhas Rios, povoado de Chapada na cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia. Contato de e-mail: alisecosta@gmail.com.

uma pedagogia antirracista. Dessa forma, indagamos: como os estudantes do ensino médio têm lidado com a temática da diversidade, especialmente a afrodescendência, em seus contextos formativos? Decorrente disso, as suas práticas docentes vêm subvertendo ou reforçando uma pedagogia antirracista? As práticas em Pedagogia Griô na escola podem potencializar essa educação antirracista numa perspectiva decolonizante?

Nesse sentido, objetivamos aqui refletir sobre a valorização da cultura afro-brasileira e local, expressa através da Roda de Bençãos, prática de uma autêntica aula griô, destacando-a como experiência de pesquisa com foco na promoção da educação étnico-racial no Colégio Professor Dídimo Mascarenhas Rios, indo ao encontro da pedagogia griô. A Roda de bençãos foi a etapa de sensibilização do Projeto Batuques de Ancestralidade realizado em sua 1ª edição entre os meses de setembro e dezembro de 2019. Sendo que na atualidade o referido projeto, em virtude da nova realidade pandêmica, tem sido realizado e aquilombado virtualmente.

Assim, estamos referendados pela legislação educacional antirracista, (Brasil 2003; 2008); pelas práticas em educação étnico-racial (Gomes, 2012; Santana, 2014), pela Pedagogia Griô (Pacheco, 2015), e os estudos sobre Juventude e cultura (Ferreira, 2014). De uma pesquisa-ação nasceu este estudo, tendo como lócus uma escola pública da rede estadual e os jovens estudantes como sujeitos participantes. Ademais, a metodologia foi qualitativa, tipo descritiva de inspiração etnográfica, com análise de conteúdo e o instrumento de coleta de dados o grupo focal. (BARDIN 2009, MINAYO, 2010).

DIALOGANDO COM OS JOVENS SOBRE OS SABERES DA ANCESTRALIDADE: A RODA DE BENÇÃOS EM DESTAQUE

A vivência da educação étnico-racial pela juventude na escola básica entrelaçando educação e cultura é o tema em investigação nesse trabalho. Este que foi realizado no segundo semestre tendo a culminância na Semana Nacional da Consciência Negra no mês de novembro, no Colégio Estadual do Campo Professor Dídimo Mascarenhas Rios (CEPCDMR), no povoado de Chapada, em Riachão do Jacuípe, cidade situada no território da Bacia do Jacuípe, sertão da Bahia. Sabemos que o nosso tempo, sobretudo neste contexto de pós-pandemia da Covid 19, é um tempo de “que fazer”, no qual não podemos nos furtar de

buscar entender, refletir e descrever a dinâmica que perfaz a juventude contemporânea nos caminhos de sua formação identitária.

O Projeto Batuques de ancestralidade representou uma ação de caráter interdisciplinar em prol da Educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar, tendo em vista o pronto atendimento das Leis nacionais de amparo à cultura afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2003; BRASIL, 2008). No nosso projeto político pedagógico do CECPDNR diagnosticamos a escassa prática de valorização da cultura negra e indígena na escola e na comunidade. A própria comunidade de chapada em sua maioria, a despeito de ser residente em terras consideradas quilombolas, não aceita a condição de negritude, em pleno sertão baiano. Tal constatação, rebervera na não “aceitação” dos jovens da comunidade que repete o comportamento de seus familiares em não se “misturar” com esses assuntos. Muitos se consideram pardos e outros tantos nem se quer identificam suas origens.

No desafio de buscar a superação desse contexto de preconceito, racismo e discriminação presente na comunidade de Chapada, procuramos fazer um trabalho pedagógico de pretensão decolonizante, com inspiração na pedagogia griô. A pedagogia griô entendemos como aquela que une escola e comunidade valorizando os saberes ancestrais do povo brasileiro, através da tradição oral potencializa e pedagogia e revoluciona o jeito de pensar e sentir a educação antirracista.

A Pedagogia Griô é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, de gênero, territórios identitários, saberes ancestrais de tradição oral e as ciências/artes/tecnologias universais, por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento, geração da consciência comunitária e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida. (PACHECO, 2015, p. 10.)

Destacamos que, a inspiração na perspectiva decolonizadora advém da necessidade de trabalharmos na direção contrária ao epistemicídio dos saberes afro-indígenas, povos subjulgados no processo de colonização do nosso país, cujas marcas insuperáveis reverbera na colonialidade do poder e do saber. QUIJANO (2005). Na desobediência e insubmissão às práticas colonizadoras que bestializam os nossos povos originários e buscando conhecer, revelar e valorizar a nossa cultura popular que sobrevive à duras penas, realizamos essas práticas tendo os griôs como

centro do diálogo com o saber científico escolar, para que seja edificada uma epistemologia outra na escola.

A experiência de pesquisa que vamos descrever corresponde à etapa de sensibilização do Projeto Batuques de Ancestralidade, ocorrida no mês de setembro. Sabíamos do risco que iríamos correr ao inovar trazendo uma experiência diferente para o contexto escolar. Nosso intento foi superar o discurso colonizador contido muitas vezes nas práticas folclorizantes e pontualmente comemorativas, a respeito da consciência negra na escola. Os sujeitos da pesquisa foram os líderes de classe das turmas trabalhadas que reviveram momentos de muita reflexão e aprendizagem em 2 sessões de grupo focal.

Assim começamos com uma prática da pedagogia griô chamada de roda de bênçãos. Trabalhamos em todas as turmas do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos da escola. A prática consistiu em reunir os jovens em cada turma para uma vivência dialógica focada nos saberes afro-indígenas. Houve uma fala introdutória sobre o tema e os propósitos do projeto através de contação de história e leitura de imagens sobre ancestralidade e identidade dos nossos povos originários. A facilitadora do ritual foi a coordenadora pedagógica, estudiosa da pedagogia griô. Primeiro todos foram convidados a integrar uma grande roda no chão da sala, dançando e cantando uma modinha de Ciranda, que aprendemos com a cirandeira Lia de Itamará e que também conhecida e cantada pelos griôs da comunidade de Chapada.

Em seguida num silêncio os jovens foram convidados a lembrar de seus mais griôs mais velhos deitados na roda, ou sentados de olhos fechados. A facilitadora sugeriu que fosse pedida uma permissão, licença ou benção em voz alta, um por um na roda, listando uma qualidade do, do (a) mais velho (a) e em seguida afirmando seu nome e como gesto de lembrança e agradecimento se perfumando com o cheiro da alfazema. Cada jovem estudante presente fez esse ritual e este foi partilhado por todos.

Ao ser convidada a participar da roda me deu um certo pânico, até a gente cantar a ciranda foi muito divertido. Juntar mão com mão, balançar os pés, a cabeça, olho no olho. Que jeito diferente se começar esse projeto! Depois parar sentar, deitar, lembrar de alguém pra pedir a benção... meus pensamentos voaram lembrei de vovó e de Dona Zifinha uma rezadeira amiga dela. A fé delas me comove. Lembrei que sem fé a gente não é nada. O cheiro de alfazema embriagou meu ser e com coragem disse: A bença vó, meu exemplo de fé! Eu sou Hiasmim, Hiasmim, 17 anos, 3º ano. Eu a princípio resisti...esse negócio de pedir benção não era comigo,

confesso que pedi para não participar. Depois que muita gente falou eu fiquei quieto espiando os outros falarem e me lembrei do meu avó sambador. Eu sempre fui admirador das cantorias dele, das chulas inventadas e da alegria, mesmo na tristeza. Senti vontade de falar quando o frasco de alfazema passou por mim. Aí me deu um nó na garganta e vontade de falar. Ai pronto falei, pedindo bença a meu voinho, lembrando de sua alegria e esperança na vida e gritei meu nome. Aluno, 15 anos, 1º ano A

Desses depoimentos depreendemos que a juventude quer se (re) conhecer num contexto identitário próprio e contextualizado. O ritual da roda de bênçãos como se vê representou uma possibilidade do estudante buscar sua ancestralidade a partir de suas referências culturais de lugares e pessoas importantes na constituição de seu ser histórico. Sabemos que a condição juvenil nos tempos contemporâneos é plural muito inconstante e diversa e que muitas vezes pode desviar o foco das raízes ancestrais, aproximando-se de aparente identificação cultural superficial, mídiática e globalizadora, escamoteando as verdadeiras origens afro-índigenas.

Para Ferreira (2014) a juventude vem a ser uma categoria social que está permeada pelo desejo, pela emoção, pela inconstância, carregada de elementos da cultura globalizada e cheia de simbolismos, mas que pode também ser (re)construída diante do tempo-espço e da história. Com esses depoimentos, a juventude em sua maioria foi despertada a buscar sua identidade cultural na contramão da história recente (re) conhecendo a si mesma a partir do chamamento de seus ancestrais e percepção da importância desses, no sentido da reverência e do respeito traduzido pelo pedido da benção aos seus ancestrais.

A partir do acesso aos mais velhos e o avivamento do próprio nome, verdadeiro símbolo identitário marca pessoal, histórica e singular, os jovens puderam viver uma experiência de conexão consigo e com seus antepassados. Como num movimento sankófico, que remota a simbologia adinkra, os jovens puderam experimentar o sentido profundo do “volte e pegue”, simbolizando a ave mítica na sabedoria africana que faz no seu voo a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor, para construir sua identidade.

Sendo assim, “identidade juvenil” é uma construção social e deve ser compreendida diante do contexto que lhe confere sentido, das identificações em grupos e da singularidade dos encontros. O encontro despertado pela roda de bênçãos, do começo ao fim, provocou conexões com as memórias, novos voos

na ave mítica afro-indígena de cada um, a percepção de si e do outro e principalmente assunção da ancestralidade oral como episteme africanizante e antirracista, raiz da formação identitária, que parte da cultura local para a cultura global. (Junior, Correa, 2018).

Outra análise importante a ser registrada e discutida diz respeito à inovação do trato com a temática das relações étnico-raciais na escola. Os jovens entrevistados afirmaram que a abordagem tomada pela gestão e professores despertou neles um interesse em discutir e entender melhor sobre a cultura afro-brasileira e indígena, a partir da construção histórica da sua comunidade e a relação de pertencimento a esta por meio da busca da ancestralidade via tradição oral e da aproximação com os grãos mais velhos.

Eu gostei da forma como a coordenadora e os professores conduziram o projeto. A gente está acostumado a virem com tudo pronto, mostrarem um mundo cheio de pessoas negras de fora, distantes de nós. Aí de repente a gente vê que tem uma cultura negra forte aqui na nossa comunidade. (Maria José, 16 anos, 1º ano B).

Bacana aprender mais sobre a nossa cultura negra não a partir dos livros e das revistas que a gente vê na escola, mas ouvindo, contando e aprendendo as histórias de gente da nossa comunidade. Aluna, 28 anos, EJA (Eixo IV).

Meu avô é sambador. Na roda de bênçãos lá na sala eu saudei ele. Meu vô é meu orgulho negro, quero ser sambador que nem ele. Vei, sabido, cheio das rimas. Eu vou ainda aprender uns versos com ele, criar os meus também. Aluno, 15 anos, 1º ano A.

Lembrei de meu pai que é um homem negro de valor. Um vaqueiro que me ensinou uns aboios tão bonitos. Aí a professora pediu pra eu fazer um aboio pra ele. Eu fiz um aboio contando a história da vida dele. Me senti importante nesse dia. Vi que eu tenho valor, mesmo com a vida dura que eu levo na roça e a escola nesse projeto me ensinou isso. Felipe, 24 anos, EJA (Eixo VI).

Os dados acima revelam a importância da educação étnico-racial para a construção e (re) afirmação da identidade. A escola é um lugar privilegiado para a descolonização do saber e do combate ao racismo, preconceito e discriminação, através de uma pedagogia antirracista, afirma Gomes (2012). O traço inovador do projeto que despertou a atenção dos jovens estudantes em sua unanimidade foi a tradição oral traduzida em vivência, através da ativação das memórias afetivas ancestrais de cada um. Mais do que isso da abertura ao diálogo intergeracional entre jovens e mais velhos e da oportunidade de cada um dizer a sua palavra.

Além disso, para além colonialidade do poder, buscamos avançar para “

águas mais profundas” no mar do saber e do ser. Intentamos um processo de decolonialidade, que através de uma pedagogia decolonial, busca romper não apenas com a colonialidade de poder, mas também romper com a colonialidade do saber e do ser que, no que se refere aos afro-índígenas, sempre os subjulgou e os desumanizou ao longo da nossa história. (OLIVEIRA e CANDAU, 2010). Aqui os nossos jovens, por meio da pedagogia griô, tiveram a oportunidade de vivenciar a tradição oral em premaxia, descobrindo assim o valor da palavra falada da boca do griô, seu mais velho da comunidade, irrompendo com a história oficial contada dos livros didáticos.

Da consciência juvenil ingênua e povoada de preconceitos e esquecimentos, brotou uma consciência tendendo a criticidade que trouxe também à tona uma etnicidade singular e diversa concomitantemente. Em se tratando de juventude o diferente atrai, mas a o traço étnico negro marcante foi além dos traços físicos e aparentes, tomando o formato de cultura, como assinala Santana (2014). O contexto pedagógico da roda de bênçãos sensibilizou com encantamento e vivência os jovens para romper com a colonialidade do ser afro-indígena sertanejo, tanto em relação ao ato de existência destes enquanto seres humanos, como também em relação às suas capacidades e valores éticos e morais, postos à comparação do padrão colonizador, e assim olharem seu interior juvenil, para enxergarem as memórias orais da cultura, das histórias de vida de seus ancestrais e por meio deles se (re) conhecerem também pertencentes a uma cultura negra e campesina singular.

De acordo com os jovens foi convidativa e assertiva também a ideia de valorizar a cultura local por meio da tradição oral. O sucesso da sensibilização do projeto, bem como seu meio e sua culminância se deu muito pela simplicidade e valorização da oralidade e do diálogo saudável entre as gerações de jovens e mais velhos da comunidade, que conquistou a empatia dos estudantes, docentes e toda a comunidade escolar. Com a tríade acesso, identidade e pertencimento, conseguimos com efetividade realizar boas práticas de educação étnico-racial, pois jovens que estão na escola, ainda mais vivenciando experiências decolonizadoras e insubmissas, tem mais chance de apropriação dos bens culturais materiais e imateriais. (Oliveira, Silva e Rodrigues, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade com valores dominantes eurocêntricos que sempre privilegiaram o padrão escrito em detrimento da oralidade. Tendo percebido esta premissa lutamos para que nosso Projeto Batuques da Ancestralidade fosse mais vivencial que apenas informativo. Coube a nossa escola assumir compromisso de verdadeiramente realizar uma educação antirracista, inverter essa lógica colonizadora do saber e do ser e valorizar no seu contexto comunitário chapadense e jacuipense a tradição oral, histórias e memórias de um povo negro, com eles e por eles. (Junior, Correa, 2018).

Ao ousarmos investir em uma pedagogia decolonial, apostamos no chamamento da oralidade permitindo uma episteme africanizante e afrodescendente, dos *griots* de Mali no continente africano, aos griôs brasileiros que outras histórias fossem contadas pelo e para os negros da nossa terra. Assim, acreditamos ter logrado sucesso diante da busca pela identidade e o pertencimento, sendo conduzidos pelo veio da tradição oral, e com inspiração nas práticas de pedagogia griô.

Diante disso, a roda de bênçãos representou um marco operacional curriculante antirracista decisivo para a mudança das práticas pedagógicas em educação étnico-racial em nossa escola. Mais do que uma vivência formativa, suscitou na juventude um jeito novo de descobrir o mundo, reconhecer e estranhar o familiar, entranhar-se no seio da cultura local, se perder e se achar, concordar e discordar, desejando-se encontrar no voo mítico do passáro sankofa, para que nada que foi herdado, pereça no rio do esquecimento. Logo, a escola ressignificando seu lugar na educação antirracista colabora com a afirmação das nossas heranças e assunção de identidades jovens negras, afrodescendentes e indígenas no sertão baiano, sob a benção e proteção dos mais velhos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República**

Federativa do Brasil. Brasília: DF, 9 jan. 2003. Disponível em:<www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 4 mai. 2015.

_____. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.** Brasília: DF, 10 mar. 2008. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em 4 mai. 2015.

FERREIRA, HELEN. Juventudes e políticas culturais - "vocês estão prontos pro rolê?". **POLÊMICA**, [S.l.], v. 14, p. 087 à 097, dez. 2014. ISSN 1676-0727. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/14268/10796>. Acesso em: 29 set. 2020.

GOMES, N.L. Práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639.** 1ª edição/Nilma Lino Gomes (org). Brasília: MEC/UNESCO, 2012.

JUNIOR, M. B.; CORREA, M.A.; A ancestralidade oral: epistemologias africanas para uma educação antirracista. **Revista África e africanidades.** Ano XI, nº 27, jul, 2018, p. 1-18. Disponível em: <https://africaeaficanidades.net/documentos/0090072018.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

MINAYO, M.C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

OLIVEIRA, J.; SILVA, L.; RODRIGUES, S. **Juventude, acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude e cultura.** 2006. Disponível em: http://www.ibase.br/userimages/ibasenet_dv30_artigo4.pdf. Acesso em 05 de maio 2019.

OLIVEIRA, L.F; CANDAU, V. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no brasil. **Educação em Revista.** Belo Horizonte, v.26, n.01, abr. 2010, p.15-40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. Acesso em: 30 jun 2022.

PACHECO, L. A Pedagogia griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, São Paulo, Ano 2, n. 3, p. 22-99, set 2014/ mar. 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas.** Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005, p. 107-130. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciC3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas>. Acesso em: 26 mar 2022.